



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na assinatura de decretos de concessão de aeroporto, de criação de ZPEs e de convênio com o governo do RN e entrega de equipamentos aos Territórios da Cidadania

Natal-RN, 09 de junho de 2010

Ainda bem que o Iberê deixou um pouquinho de tempo para mim, aqui. Sabe que eu estou feliz de o Iberê ter falado bastante? Porque ele está se recuperando de uma doença grave e eu, quando cheguei, ontem à noite, no aeroporto, eu fui para o hotel preocupado com o Iberê, eu falei: “Será que ele está bem de saúde mesmo?”. E ainda falei para a nossa companheira Wilma: “Será que o Iberê está bem mesmo?”. Ela falou: “Está”. Eu falei: “Mas eu estou achando ele tão abatido”. Aí, quando o “bichim” pegou o microfone aqui, sarou, sarou. Esse é o problema de político: não pode ver microfone que a gente sara de qualquer doença. Mas fico feliz, Iberê, que você está com fôlego para falar.

Bem, eu penso, meus queridos companheiros, Governador, ex-Governadora, deputados, ministros e povo do Rio Grande do Norte, eu penso que nós precisaríamos marcar na nossa caderneta a data de hoje, para que a gente pudesse saber o que vai acontecer com este estado, nos próximos dez anos, nos próximos 12 anos ou nos próximos 15 anos.

O desenvolvimento de uma cidade, de um estado ou de um país não tem o mesmo tempo que tem a vida humana; na vida humana dez anos é muita coisa, mas no desenvolvimento de um projeto de desenvolvimento, às vezes dez anos é apenas o começo. E vocês sabem por quanto tempo vocês esperaram esse aeroporto. E o ministro Jobim – eu não escutei ele falar... mas esse aeroporto é o único aeroporto do Brasil que vai poder pousar aquele famoso Airbus 380, aquele que tem as asas tão grandes que não caberia dentro do estado de Sergipe, de tão grande que é o avião, e vai pousar aqui.



Mas o que é importante é que junto com o aeroporto, que vai fazer a licitação para a concessão, nós assinamos duas ZPEs, a tão sonhada Zona de Processamento de Exportação. Ora, e por que é importante? Porque existe muito tempo que nós estamos tentando aprovar essas ZPEs. Os estados mais desenvolvidos, que já têm indústria, não queriam que fosse aprovado, para que a gente não trouxesse para o Nordeste e para o Norte do país a mesma chance que eles já tiveram há 30 ou 40 anos.

Ora, e nós não podemos aceitar a ideia de que o Brasil pode ser dividido em regiões que podem tudo e regiões que não podem nada. Quando a gente pegava as estatísticas do IBGE, a gente ficava analisando as estatísticas, quando as estatísticas falavam de investimento em educação, da boa qualidade da escolaridade, da quantidade de mestres, de doutores, dos investimentos em pesquisa, era tudo para uma banda do Brasil. Quando falava na pesquisa, do analfabetismo, da mortalidade infantil, de morte de mulher por parto, aparecia o Nordeste em primeiro lugar.

Nós não estamos querendo tirar nada de ninguém. Nós apenas queremos dizer que o povo nordestino é brasileiro e tem o mesmo direito que todo e qualquer povo de qualquer canto do Brasil. Nós queremos dizer que o povo da região Norte do país, que os índios deste país, que os negros deste país, que os quilombolas deste país são brasileiros tanto quanto aqueles de olhos azuis, que moram nas regiões mais ricas do país. Nós queremos apenas que todos sejam tratados como cidadãos e cidadãos brasileiros, que todos tenham a oportunidade de trabalhar, de ganhar seu salário, de estudar, de comer, de ter acesso à cultura, é só isso que nós queremos. E, por isso, esse aeroporto é uma obra marcante para o estado, porque, junto desse aeroporto, devem vir muitas indústrias produzirem produtos de alto valor agregado, porque ninguém vai exportar trator dentro do avião, vai exportar pecinha pequena, vai exportar peça de alto valor agregado e vai criar uma nova indústria no estado do Rio Grande do Norte. É isso que nós estamos fazendo



para o nosso querido Nordeste brasileiro.

É importante lembrar, companheiro Iberê, que se dependesse da Petrobras, a gente não teria nenhuma nova refinaria, porque as refinarias que já existiam no Brasil davam conta de atender a demanda de combustível no Brasil. A decisão de fazer novas refinarias é uma decisão do governo. E as duas grandes refinarias – uma no Maranhão e outra no Ceará – são apenas para produzir para exportação. E nós achamos que o Brasil, com a descoberta do pré-sal, não deve ficar exportando óleo cru para a China, para os Estados Unidos, nós temos que exportar produtos derivados do petróleo, com alto valor agregado, para que a gente possa fazer do petróleo que está a 7 mil metros de profundidade, no oceano brasileiro, a recuperação da dignidade do povo brasileiro, a recuperação do atraso educacional a que o nosso povo foi submetido, a recuperação do atraso em ciência e tecnologia. E é por isso que nós precisamos, então, fazer refinarias pensando apenas em exportar produtos de alto valor agregado.

Mais importante ainda, companheiros e companheiras, é que nós imaginamos que isso está acontecendo no Nordeste inteiro. E o resultado disso é que no ano passado, quando a crise americana e a crise europeia trouxeram graves problemas de consumo nos Estados Unidos, onde sete milhões de pessoas perderam seus postos de trabalho; que trouxeram graves problemas na Europa onde, nos países europeus, mais de oito milhões de desempregados ficaram, apenas em um ano, desempregados ou sem posto de trabalho; este país, este país, no ano da maior crise mundial, nós criamos 905 mil empregos com carteira assinada, no ano passado. E este ano, nos quatro primeiros meses, já criamos quase 1 milhão de empregos, ou melhor, 1 milhão e 100 mil empregos. Nós poderemos chegar a 2 milhões de empregos no final do ano. Então, vou terminar o meu mandato, meus queridos companheiros, com quase 14 milhões e meio de empregos gerados neste país, com carteira profissional assinada.



Todos vocês sabem: a construção civil brasileira estava predestinada a não crescer, porque não existia nem contratação de obra por parte do governo, nem financiamento por conta dos bancos privados e, muito menos, financiamento por conta dos bancos públicos estaduais. Desde o governo Geisel – e eu estou vendo políticos aqui que vêm daquela época ainda – desde o governo Geisel, Lavoisier, desde o governo Geisel - foi o último governo que fez investimento em infraestrutura neste país, de 1975 a 1979. E fez investimentos e, por conta daqueles investimentos, contraiu uma dívida, em dólares, monumental, que depois os americanos, para recuperar as finanças americanas, aumentaram os juros de 3% para 21%, e aumentou a dívida brasileira que a gente ficou 25 anos sem poder fazer nenhum investimento.

Se eu perguntar para qualquer político aqui, no palanque... pode perguntar para os nossos adversários, de outros partidos políticos, qual foi a grande obra que o governo deles fez, para ver se eles lembram de uma obra feita nos últimos 20 anos, neste país. Para saber se lembra. E não é que os governantes não queriam fazer, era que o país tinha que acordar e deitar pensando na dívida externa que a gente não podia, não podia fazer nada. Vocês estão lembrados? Todo ano desciam aqui uma mulher e um homem no aeroporto, era a mulher e o homem do FMI, para dizer o que é que a gente tinha que fazer, o que é que a gente podia fazer, o que é que a gente tinha que pagar, o que é que a gente tinha que investir. Eu mesmo estou “cacunda” de carregar faixa “Fora FMI”.

Hoje, sem precisar dar nenhum grito, sem precisar dar nenhum grito, nós chamamos o presidente do FMI, há três anos, e falamos: “Companheiro, nós não precisamos mais do seu dinheiro. Tome aqui o que é seu e nos deixe ser donos do nosso nariz”. E, hoje, temos US\$ 250 bilhões de reserva, ali, guardadinho, e emprestamos 14 bilhões para o FMI. E agora, nessa crise da Europa, aí, e da Grécia, emprestamos 280 milhões para a Grécia. Nós somos pobres mas somos orgulhosos, ou seja, e um país... a gente aprende, na vida



da gente, com o filho da gente, com a mulher da gente: se a gente quiser ser respeitado, nós temos que aprender a respeitar os outros. E eu quero respeitar todo mundo, mas quero que eles me respeitem e quero que eles respeitem este país, que este país não é pequeno, este país é uma grande nação, e este país não pode ficar subordinado ao que pensam os americanos, ao que pensam os europeus. Porque teve um tempo que tinha uma classe dirigente brasileira que tudo que era feito lá fora era bom, e tudo o que era feito aqui dentro não prestava. Pois, para nós, é importante a gente levantar a cabeça e agradecer a Deus, porque se tem um país que merece a gente ter orgulho é deste país chamado Brasil, onde nós nascemos e criamos os nossos filhos.

E uma coisa importante é que nós descobrimos que é possível fazer as coisas. Hoje, meu caro Iberê, hoje, talvez seja o meu último ato de inauguração de obras como presidente da República, no estado do Rio Grande do Norte, porque daqui a pouco começa a campanha e dificulta tudo. Então, hoje, talvez, seja o meu último ato de inauguração de uma obra. E eu saio daqui, vou para Maceió, de Maceió vou para Aracaju, de Aracaju vou para Salvador. Em cada lugar, eu vou tendo consciência de que os nossos adversários nas campanhas políticas, poderiam eles fazer comparação, não nós. Quando eles criticarem a gente, eles digam o que eles fizeram quando governaram. Digam, digam, porque eles vão ter que entender que governar este país é a gente olhar também para a parte pobre deste país.

Pode perguntar, Wilma, pode perguntar: os grandes empresários, os grandes banqueiros, os grandes latifundiários nunca ganharam tanto dinheiro como ganharam no meu governo; as grandes empresas nunca ganharam tanto dinheiro como ganharam no meu governo. Mas o pobre também ganhou o direito à cidadania, o direito de estudar.

Então, eu fico com orgulho, e não tenho humildade, não, de saber que um torneiro mecânico que perdeu três eleições, ganha a Presidência e, com sete anos, já é o presidente da República que mais fez universidade, que mais



fez escolas técnicas e que mais colocou aluno na escola. Eu vou entregar, eu vou entregar, este mês, diploma para os primeiros 540 jovens que se formaram em medicina pelo ProUni, jovens da periferia, que jamais poderiam pagar R\$ 4 mil ou R\$ 5 mil numa universidade particular, para estudar medicina, nem para estudar qualquer outra coisa, e estão lá estudando de graça, e vão ser médicos, para cuidar do povo deste país com mais respeito.

Então, meu caro Iberê, esse é um dia, um dia importante, porque eu acho que este aeroporto e as ZPEs mudam um pouco a história deste estado. Não vai acontecer amanhã, que é um processo, é um processo que vai de concessão, que vai de implantação, de convencimento de empresas virem implantar aqui. Mas, aí, o Governador vai ter que viajar para outros países para divulgar o estado, para oferecer as oportunidades, mostrar o que tem de infraestrutura. E é assim que nós queremos desenvolver o país.

Eu tenho consciência, mas a consciência absoluta de que nós fizemos, em oito anos, o que os nossos adversários não fizeram em 30, 40 ou 50 anos, eu tenho consciência disso. Porque este país era governado para 35 milhões de brasileiros, este país era governado para 40 milhões de brasileiros e não era governado para os 190 milhões de brasileiros. E eu sei que falta muito para fazer, falta muito. Porque quanto mais a gente faz, mais a gente descobre o quanto falta fazer.

O dado concreto é que nós aprendemos a fazer, e o dado mais concreto é que o povo aprendeu a gostar de ser tratado com respeito, o povo aprendeu... Esse menino, o Guilherme, o nosso ministro, falou do Pronaf. O Pronaf não foi criado no nosso governo, não, o Pronaf foi criado ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, em [19]98. Mas a verdade, a verdade é que o Pronaf não chegava ao Nordeste brasileiro, o dinheiro era anunciado e parava na região Sul do país, não chegava nem em São Paulo, Jobim, parava aonde tinha mais organização. Onde que era? No Rio Grande do Sul, que tinha mais cooperativas, mais organização. O pessoal ia ao banco e pegava o



dinheiro. O Nordeste não pegava nada. E ontem, no BNB, eu ouvi dizer que só o Agroamigo já emprestou [R\$] 1,3 bilhão para 1 milhão de pequenos produtores, pessoas que pegaram R\$ 1.000,00, R\$ 2.000,00, R\$ 500,00, R\$ 1.500,00. E as pessoas pagam. Porque essa é uma coisa nobre neste país: o pobre, ele só tem como patrimônio a sua cara, a sua dignidade e o seu nome. Quando ele vai a um banco e ele pega 10 mil réis, ele quer devolver aqueles 10 mil réis. E tem gente que pega 1 bilhão e não quer pagar. O pobre paga. A inadimplência é quase zero no BNB, por conta dos empréstimos feitos aos pobres.

No ano em que eu cheguei à Presidência, o BNB emprestou apenas R\$ 262 milhões, e teve 37% de inadimplência. Agora, o ano passado, nós fechamos o ano emprestando R\$ 22 bilhões. Uma diferença muito grande, de R\$ 22 bilhões para [R\$] 262 milhões. E sabe quanto de inadimplência? 3,3% apenas, ou seja, quase nada de inadimplência.

O Brasil inteiro... Esse é um dado importante, Iberê, para a gente saber o que está acontecendo neste país: o Brasil inteiro, em 2003, tinha como crédito para empréstimos e financiamento apenas R\$ 380 bilhões, apenas R\$ 380 bilhões era o dinheiro disponibilizado para o crédito, no Brasil. Eu, que era um socialista inveterado, fiquei pensando com meus botões: como é que a elite brasileira diz que este país é um país de economia capitalista, sem capital, é um país de economia de capitalista, sem crédito, sem financiamento? Hoje, sabe qual é o crédito do Brasil? Um trilhão e quinhentos bilhões de reais. E o país, na hora em que ele percebeu que as coisas começaram a funcionar, o país começou a dar certo, o país começou a dar certo.

Quando veio a crise, uma coisa que me dá muito orgulho – mas orgulho daquele mesmo, de vontade de chorar –, quando veio a crise, Europa vai quebrar, não sei quem vai quebrar, Estados Unidos vão quebrar, quebra o banco Lehman Brothers, quebra não sei quantos, eu falei: “Eita, (incompreensível), que é agora que a gente morre”. Porque teve uma



crisezinha na Rússia, a gente quebrou, teve uma crisezinha na Ásia... na Malásia, a gente quebrou, teve uma no México e a gente quebrou. Eu falei: “Agora, pegou Estados Unidos, pegou a Europa, estamos desgraçados”. Tentem lembrar do que eu falei: “Essa crise vai ser uma marolinha no Brasil”. Mas me bateram, a chamada “imprensa especializada” me bateu, aqueles “analistas econômicos de ar condicionado” me bateram.

E eu dizia: “O Brasil vai ser o último a entrar na crise e vai ser o primeiro a sair da crise”. E, depois, a gente pega... Depois... E ainda alguns companheiros do Brasil não queriam reconhecer, aí começa a dar *New York Times*, começa a dar *Le Monde*, começa a dar *El País* e começa a dar revista inglesa, jornal americano, jornal alemão, jornal francês, aí os nossos amigos articulistas reconheceram e tiveram que se dobrar à realidade: a crise foi menor no Brasil, chegou por último e acabou primeiro do que nos outros países.

E o que me deu orgulho é que quando saiu a pesquisa, no final do ano passado, sobre o consumo do país, o que aconteceu? As classes D e E do Norte e do Nordeste brasileiro consumiram mais do que as classes A e B da região Sudeste do país. Significa que quem tinha dinheiro se acovardou e guardou, e quem era mais pobre foi às compras.

Vocês estão lembrados que eu fui, dia 23 de dezembro de 2008, na televisão, no auge da crise, fazer apologia do consumo: “Ô, meus companheiros, se vocês estão com medo de perder o emprego e não conseguir pagar a dívida que você fez, vá às compras, porque se você está com medo de comprar e perder o emprego e não poder pagar, você vai perder o emprego é se você não comprar, porque, se você não comprar, a fábrica não produz, a loja não compra, você não compra, a roda-gigante da economia começa a parar. Então, vamos às compras com responsabilidade”. E o povo pobre foi ao *shopping*. Que chique! O povo pobre foi ao *shopping* comprar. E qual é o resultado que a gente tem? É que 31 milhões de brasileiros passaram para a classe média. É uma coisa fantástica! E 20 milhões saíram da pobreza



absoluta.

Então, ainda falta muito, companheiro Iberê, muito. Mas a verdade é que nós demos um passo extraordinário, nós demos um passo gigantesco. O país está maduro. Vocês viram o crescimento do PIB, ontem? Eu nem leio, a imprensa está falando tão bem que eu nem leio. A imprensa falou tão mal de mim o tempo inteiro que quando fala bem eu nem acredito, deixa lá.

O que é importante, o que é importante é que falem o que quiserem falar, quando o povo está sentindo na sua barriga que tem mais comida, e no seu bolso que tem mais um dinheirinho, não há notícia negativa que faça o povo acreditar, o povo sabe o que está acontecendo neste país. O cidadão pode falar mal de mim porque também ninguém pode ser unanimidade, mas nunca se vendeu tanto carro como se vendeu, nunca se vendeu tanta cerveja como se vendeu, nunca, nunca se vendeu. As empresas estão tão... e nunca se vendeu tanta roupa, sapato, ou seja, o povo brasileiro está vivendo um pouco melhor. E ainda falta muito.

E esse aeroporto, e essas ZPEs são um novo tempo na história do desenvolvimento do estado do Rio Grande do Norte. Eu tenho 64 anos de idade, espero daqui a 10 anos estar vivo, forte, bonito, danado, para vir aqui... Eu vou passar um final de semana na Praia da Pipa, vou. Eu vou porque a Wilma disse que é a praia mais bonita do mundo. Então, vou lá na Praia da Pipa, ver se é bonita mesmo. Mas eu vou acompanhar o Brasil, vou continuar viajando e, se Deus quiser, meus companheiros, Henrique, Fátima, companheiro Rosalvo, companheiros, eu... minha querida Wilma e Iberê, eu tenho fé em Deus que voltarei aqui para, juntos, a gente ir ver as empresas se implantando em torno desse aeroporto e gerando os empregos e a distribuição de riquezas que o povo tanto precisa.

Gente, que Deus abençoe todos vocês, que Deus nos abençoe. E viva o Rio Grande do Norte! Viva o Brasil!

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
